Coleção Aventuras Grandiosas

Thomas Malory

O REI ARTHUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

2ª edição

EDITORA RIDEEL

Capítulo 1
O NASCIMENTO DE ARTHUR

Merlim era um homem **MÍSTICO**. Tinha olhos verdes e cabelos compridos. Longos cabelos cinza, sempre soltos, balançavam ao vento, enquanto Merlim caminhava pela Inglaterra, antes mesmo de ela ter esse nome, quando seu povo ainda estava dividido em pequenos reinos que brigavam entre si.

O velho mago Merlim era muito amigo do rei de um desses reinos, chamado Uther Pendragon. O Rei Uther era **IMPETUOSO**, violento e destemido. Ele tinha o sonho de unir os diversos feudos e castelos que formavam a **GRÃ-BRETANHA**. Por isso ele atacava os outros reis, tentando dominá-los para formar uma só terra, um só país e uma só paz.

Um dia, cerca de quatrocentos anos após o nascimento de Cristo, Uther atacou o castelo do Duque de Tintagil, na região da Cornualha, pois ele não aceitava o comando de Uther. Depois de algumas batalhas os exércitos do duque ficaram enfraquecidos e o Rei Uther propôs um acordo de paz. Durante as festividades desse acordo, Uther conheceu Igraine, a bela Duquesa da Cornualha, esposa do Duque de Tintagil, e se apaixonou por ela. A Duquesa Igraine, entretanto, era uma mulher **HONRADA**, incapaz de se entregar para Uther, uma vez que era esposa de Tintagil.

Possuído pelo desejo, Uther cancelou o tratado de paz e convenceu Merlim a usar sua mágica para conquistar Igraine. Merlim concordou, mediante a promessa de Uther de que o filho, resultante daquele encontro, seria dado a ele. Uther, tomado de **LUXÚRIA**, concordou com a proposta do mago.

Assim, numa noite escura, Merlim proferiu palavras sagradas para formar uma névoa. Sua mágica também fez com que o rosto de Uther assumisse feições muito parecidas com as de Tintagil, marido de Igraine. Como o Duque de Tintagil tinha deixado seu castelo na Cornualha para guerrear, Uther aproveitou sua ausência e, encoberto pela escuridão da noite, pela névoa e pelo feitiço de Merlin, entrou no castelo de Igraine e rumou em direção aos **APOSENTOS** dela.

Igraine era loira, tinha cabelos longos e lisos. Seus olhos se arregalaram quando viu na sua frente o homem que supostamente seria seu marido, pois julgava que ele estava longe dali, guerreando:

— Não foste ao campo de batalha guerrear, meu duque?

- **MÍSTICO:** misterioso, contemplativo
- **IMPETUOSO:** veemente, fogoso
- **GRÃ-BRETANHA:** nome das terras onde se encontra a Inglaterra
- **HONRADA:** digna, respeitada
- **LUXÚRIA:** sensualidade, lascívia
- **APOSENTO:** quarto de dormir e repousar

O coração de Uther pulava. Seu corpo inteiro queria avançar sobre ela. Seu desejo atravessava seu corpo manipulado pelo feitiço:

— Tive um **PRESSENTIMENTO** e voltei para ver-te, mulher.

Uther mentiu e a agarrou com firmeza. A **PENUMBRA** e a magia não deixaram Igraine perceber que aquele não era seu verdadeiro homem. A léguas dali, o verdadeiro Duque de Tintagil era **TRASPASSADO** por uma lança do exército de Uther e morria pronunciando o nome de sua amada Igraine.

Ao mesmo tempo, ela murmurava o nome dele, o que fez Uther se enfurecer. Irritado, ele foi embora assim que eles terminaram de fazer amor. Ela dormiu cansada, sem entender o comportamento do homem que pensava ser seu marido.

Na manhã seguinte lhe disseram que o duque estava morto, a muitos quilômetros dali, que tinha morrido como um bravo, à frente de seu exército, enfrentando o inimigo, sem recuar um momento sequer, sem abandoná-los nunca.

Lágrimas corriam pelo rosto de Igraine ao ouvir a verdade. Uma pergunta atravessava sua mente como as lanças que atravessaram o corpo de Tintagil na noite anterior: Se seu marido morrera naquela noite, quem estivera com ela naquele mesmo horário? Seus pensamentos foram interrompidos pela pequena Morgana, filha de Igraine e do Duque de Tintagil. Ela entrou na sala e abraçou sua mãe, chorando e dizendo que um homem havia chegado ao castelo.

Esse homem era Uther Pendragon, já desfeito do feitiço que lhe deixara semelhante ao falecido Duque de Tintagil. Como seu exército havia assassinado o duque, ele agora tinha plenos poderes sobre o castelo da Cornualha e sobre aqueles que lá viviam.

Igraine sentiu um arrepio quando viu Uther, embora não o tivesse reconhecido da noite anterior:

— O que queres aqui, Rei Uther? — ela perguntou.

— Venho **REIVINDICAR** minhas novas terras, o castelo da Cornualha e a bela duquesa, futura rainha da Inglaterra, Igraine. Case-se comigo, mulher.

Uther sorria após essas palavras, enquanto o resto da corte de Tintagil exclamava Ohs! e comentava o repentino e estranho pedido (ou ordem) de casamento. Igraine não queria se casar com Uther, pois ele era o líder dos assassinos de seu marido. Contudo, ela não tinha escolha: se não aceitasse o casamento, morreria. Sua filha Morgana perderia os confortos de princesa e teria um futuro de miséria. Por isso, algumas semanas depois Uther e Igraine se casaram e, algum tempo depois, Igraine já demonstrava sinais de gravidez.

- **PRESSENTIMENTO:** intuição, presságio
- **PENUMBRA:** escuridão, sombra
- **TRASPASSADO:** atravessado, perfurado
- **REIVINDICAR:** tentar recuperar

Com o passar do tempo Igraine foi se acostumando à presença de Uther. Quando o bebê nasceu, Uther quis saber se o bebê era filho dele ou do falecido duque. Igraine, nanando o pequeno bebê, disse que um homem veio e a amou, na noite em que o duque morreu. Igraine achava que Uther fosse maltratá-la ao saber disso, mas ele sorriu e a beijou. Estava feliz com seu filho e sua esposa e confessou a ela que o homem misterioso daquela noite era ele.

— O mago Merlim me deixou parecido com o duque para que eu pudesse amá-la.

Antes que Igraine pudesse reagir a essa notícia, o mago Merlim apareceu na sala onde eles estavam e disse:

— E como pagamento por esse feitiço, Uther me prometeu a vida de seu filho, Igraine. Passe-o para mim, eu tenho um destino para ele.

Aos **PRANTOS**, Igraine entregou seu filho. O Rei Uther se arrependeu do pacto, mas cumpriu com sua palavra, e Merlim levou o pequeno bebê, a quem batizou de Arthur.

Capítulo 2
ARTHUR CRESCE E SE TORNA REI

Merlim entregou o pequeno Arthur para um cavaleiro valoroso chamado Sir Ector. Ector criou Arthur como se fosse seu filho e o menino cresceu junto de Kay, o verdadeiro filho de Ector.

Durante os anos em que Arthur crescia longe de seus pais verdadeiros, o Rei Uther adoeceu e acabou falecendo. Com a morte dele, vários reinos menores entraram em guerra. A violência **ASSOLOU** e novamente dividiu a Inglaterra em pequenos **CONDADOS**. Quando Arthur já era um jovem, Merlim foi a Londres e disse ao arcebispo de Canterbury:

— Convoque todos os grandes homens da Grã-Bretanha no dia de Natal. Peça que se dirijam a Londres, pois haverá um milagre e o novo rei da Inglaterra será coroado.

O arcebispo achou estranho o pedido de Merlim, mas resolveu atender ao **ANCIÃO**. No dia marcado, a catedral estava lotada de homens à espera do milagre. O arcebispo rezou sua missa sem que nenhum milagre acontecesse e, quando todos estavam saindo da igreja um tanto decepcionados, notaram na frente do templo uma gigantesca pedra. Em cima da pedra havia uma **BIGORNA** de aço com uma espada cravada nela. Na pedra estava escrito em letras de ouro:

- **PRANTO:** choro, lágrima
- **ASSOLOU:** arrasou; devastou
- **CONDADO:** território de um conde ou valete
- **ANCIÃO:** homem velho
- **BIGORNA:** grande peça de ferro usada para moldar metais

QUEM CONSEGUIR TIRAR ESTA ESPADA
DA PEDRA E DA BIGORNA
É POR DIREITO O REI DE TODA A INGLATERRA.

Vários lordes e nobres tentaram retirar a espada, mas ela não se moveu um milímetro sequer. Fortes guerreiros punham toda sua força, mas a espada parecia fazer parte da pedra e seu aço parecia estar **FUNDIDO** ao da bigorna.

Merlim, que havia trazido a espada mágica chamada Excalibur de Avalon para Londres, propôs, junto com o Arcebispo, que se realizasse um torneio com os mais corajosos cavaleiros da Inglaterra: o campeão teria o direito de retirar a espada e de se tornar o novo rei da Inglaterra.

Sir Ector ouviu falar sobre o torneio e resolveu inscrever nele Kay, o seu filho mais velho. Na véspera do Ano Novo, ao amanhecer, teve início o torneiro. Ao longo da manhã os cavaleiros iam se enfrentando montados em seus cavalos velozes, galopando rumo ao confronto com suas lanças em riste.

Kay se preparava para a **JUSTA** quando deu falta de sua espada. Arthur, por ser apenas um adolescente, não havia sido inscrito no torneio e por isso servia de fiel **ESCUDEIRO** ao seu irmão de criação Kay. Sem sua espada, Kay pediu a Arthur que conseguisse uma nova espada para ele. Como a casa de Arthur era muito longe para que ele voltasse e pegasse a espada, Arthur resolveu procurar uma espada nova em uma das **FUNDIÇÕES** no centro da antiga Londres. À medida que Arthur procurava, foi se dando conta de que todas estavam fechadas por causa do torneio. Ele já estava quase desistindo, quando se deparou com a espada cravada na bigorna e na imensa pedra em frente à igreja.

Rapidamente o jovem Arthur subiu na pedra e, sem ler as letras de ouro, colocou a mão esquerda no cabo prateado da espada. Antes que ele chegasse a fazer força, a espada deslizou suavemente da rocha e do aço da bigorna e Arthur a ergueu assustado.

— Vejam, o garoto tirou a espada! — alguém do povo gritou, e as pessoas começaram a se ajoelhar pela rua, pois estavam diante de seu novo rei.

Arthur achou tudo muito estranho e como não sabia o que fazer, saiu correndo com a espada. Foi ao encontro de seu irmão Kay, que logo reconheceu o valioso objeto.

— Onde você encontrou essa espada, Arthur?

— Eu a tirei de uma pedra, na frente da igreja.

Kay pegou a espada de Arthur e nisso chegou Sir Ector dizendo:

- **FUNDIDO:** derretido, liquefeito
- **JUSTA:** duelo entre dois cavaleiros medievais
- **ESCUDEIRO:** pajem que servia a um cavaleiro carregando seus pertences
- **FUNDIÇÃO:** fábrica de fundir metais

— Meus filhos, vocês sabiam que estão falando que um garoto tirou a espada da rocha em frente da... meu Deus, Kay, foi você? Foi você o herói?

O rosto de Kay se inflou de alegria, seu pai pensava que ele era bom o bastante para ter tirado a espada. Por isso Kay começou a mentir:

— Sim, pai eu..., mas enquanto falava, Kay olhou para Arthur e alguma coisa de pureza nos olhos do seu irmão o impediu de prosseguir mentindo. Por isso Kay completou...

— Pai, eu gostaria muito de ter tirado essa espada, mas na verdade foi Arthur quem a retirou. Sinto muito por desapontá-lo.

— Kay, saiba que você não me desaponta, uma vez que mostra o seu valor falando a verdade. Arthur, eu me ajoelho perante sua majestade, rei da Inglaterra, disse Sir Ector muito emocionado.

— Pai, o senhor está louco? Não se ajoelhe para mim. Que história é essa de rei? O que está acontecendo, afinal?

Antes que Sir Ector pudesse responder, Merlim chegou e contou a Arthur a verdade sobre seus pais e como Sir Ector o tinha criado e amado como se fosse filho de seu próprio sangue. Logo, o arcebispo de Londres chegou e mandou que Arthur recolocasse a espada na pedra, pois teria que provar a todos que ele era de fato o rei.

Assim, todos voltaram à frente da catedral e Arthur colocou a espada na bigorna e na rocha e a retirou com a mesma facilidade de antes. A multidão aplaudiu o jovem rei; estavam felizes após anos de discórdia, sem ter quem os comandasse e unisse. O arcebispo de Londres estava a ponto de conclamar Arthur rei por direito, quando Sir Uriens, que havia vencido o torneio, abriu caminho entre o povo com seu **ALAZÃO**, gritando:

— Jovem, ponha já esta espada de volta na pedra. Eu sou Sir Uriens, vencedor do torneio, portanto tenho o direito de retirar a espada da pedra.

A um sinal do arcebispo, Arthur colocou a espada na bigorna e Sir Uriens subiu na pedra acenando para a multidão:

— Sou seu campeão, sou muito mais forte que este jovem, vou retirar a espada e me transformar em rei da Inglaterra!

Em seguida, Sir Uriens colocou as duas mãos no cabo da espada e usou toda sua força, mas ela não se mexeu. Uriens ficou vermelho, suas veias saltavam na pele e o suor corria em seu rosto, mas a espada não movia nem um milímetro sequer. Irritado, Uriens desistiu e Arthur foi convocado pelo arcebispo a retirar a espada mais uma vez.

Novamente ele a removeu com extrema facilidade, usando apenas uma mão e as pessoas que acompanhavam a cena começaram a gritar:

❦ **ALAZÃO:** cavalo de pelagem avermelhada

— Viva Arthur, rei da Inglaterra!

Quase todos riam felizes, mas Merlim tinha o rosto sério e observava Sir Uriens ao longe, retirando-se dali, bravo, seguido por todos os seus homens a cavalo.

Capítulo 3
O CASAMENTO DO REI ARTHUR

Merlim tinha razão em estar preocupado durante as festividades. Sir Uriens, achando injusto que um jovem inexperiente se tornasse rei, organizou um exército e resolveu atacar o castelo Cameliard, de Sir Leodegrance, o principal aliado do **INCIPIENTE** reinado de Arthur. Uriens cercou o castelo e começou a atacá-lo. Seus homens escalavam as altas paredes com a ajuda de escadas e os guerreiros de Sir Leodegrance não conseguiam deter a invasão.

Sabendo disso, Merlim avisou Arthur, que rapidamente reuniu seu exército e foi ajudar Sir Leodegrance. Em sua primeira batalha, Arthur mostrou ser um bravo guerreiro. Além disso, movidos pelo entusiasmo do jovem rei, seus soldados lutaram de forma redobrada e começaram a vencer as tropas de Uriens. Ao cair da tarde, após horas de combate, Uriens e Arthur se confrontaram. Arthur foi hábil em desarmar Uriens, fazendo com que este derrubasse sua espada. Assim, Arthur colocou a ponta de sua espada no pescoço de Uriens e gritou:

— Rende-te ou te matarei! — Sir Uriens respondeu:

— Prefiro morrer a ser morto por alguém que não tem sangue nobre! Sei que não és filho de Sir Ector. Sei que és um **BASTARDO**.

Ao ouvir isso, Arthur disse:

— Engana-te, Sir Uriens. Sou filho do Rei Uther Pendragon. Por isso peço-te, ordena-me cavaleiro.

Olhando nos olhos de Uriens, Arthur ajoelhou-se e entregou sua espada ao inimigo. Uriens poderia decepar Arthur com um simples golpe, mas ficou perplexo com a atitude nobilíssima do rapaz.

— Sagrado senhor! Eu conheci a bravura de seu pai e somente agora percebo que apenas alguém descendente do mesmo sangue nobre dele seria capaz da atitude que tomaste, meu rei. Eu, Sir Uriens, te consagro cavaleiro Arthur.

Uriens disse essas palavras e se ajoelhou aos pés de Arthur, que se ergueu e foi aplaudido pelos soldados, que largavam suas espadas, limpavam seu sangue e festejavam a paz.

Sir Leodegrance ofereceu um enorme almoço no dia seguinte. Era preci-

- **INCIPIENTE:** que está no começo
- **BASTARDO:** filho gerado fora do casamento

so celebrar a primeira vitória no caminho da **UNIFICAÇÃO** das ilhas Britânicas. Nesse almoço, Rei Arthur conheceu Guinever, filha de Sir Leodegrance. Os dois trocaram olhares, sorrisos e algumas palavras. Arthur disse:

— És a mulher mais linda e valorosa sobre a Terra, Guinever.

Enquanto os dois dançavam, Merlim balançava a cabeça negativamente. Após a dança, Arthur correu até Merlim, precisava contar que Guinever era lindíssima e que queria se casar com ela:

— Merlim, vês como Guinever é a mulher mais formosa do mundo! Ela será minha maior alegria! — Arthur dizia enquanto palavras brancas e leves escapavam entre seu sorriso aberto.

— Vejo que ela é muito bonita, sim, Arthur — disse Merlim, mas vejo também que grandes alegrias são irmãs de grandes tristezas.

— Ora Merlim, tu precisas aprender a te divertir. Pára de te preocupar e toma um bom vinho, dança uma boa música, Merlim e aproveita as alegrias da vida! — disse Arthur indo em direção a Uriens, sem ouvir as palavras finais do mago.

— Jovem, vejo outra pessoa ao lado dela, toma cuidado!

Mas, como Arthur estava expandido de felicidade, as palavras de Merlim não tiveram força suficiente para chegar aos ouvidos dele. Um mês depois daquele almoço, Rei Arthur casava-se em Camelot, o castelo de ouro construído por Merlim, com a Rainha Guinever, sob as bênçãos do arcebispo de Canterbury.

Como o pai de Guinever gostava muito do jovem casal, resolveu dar aos noivos a **TÁVOLA** Redonda, uma imensa mesa perfeitamente redonda, com cento e cinqüenta lugares. Nela sentariam os Cavaleiros do Rei Arthur. A mesa abrigou inicialmente cento e vinte e oito Cavaleiros da Távola Redonda. À medida que outros cavaleiros se juntavam ao grupo, seus nomes iam sendo inscritos nas cadeiras restantes. Se um cavaleiro morria, seu lugar ficava vago até ser ocupado por um guerreiro que demonstrasse valor suficiente. Apenas um lugar, chamado de "O Assento Perigoso", deveria permanecer vago até que um cavaleiro puro, que nunca houvesse feito mal algum pudesse sentar-se nele. Se outra pessoa sentasse ali, ela morreria, de acordo com a inscrição dourada da cadeira.

Por formar um círculo, a Távola não tinha cabeceira, representando a união e a sinceridade dos cavaleiros, bem como os direitos iguais que possuíam. Quando um cavaleiro entrava para a Távola Redonda, ele fazia um juramento sagrado de ser fiel ao rei e aos outros Cavaleiros, de defender sempre os indefesos, as mulheres e as crianças, de nunca serem maus e andarem pelo mundo sempre fazendo o bem. Durante a prece, o Rei Arthur pedia aos céus que os ajudassem com sabedoria para decidir o que era certo e justo e lhes dessem força e coragem para fazer a justiça prevalecer.

- **UNIFICAÇÃO:** reunião dos diferentes estados para formar um país
- **TÁVOLA:** mesa de grande porte



Capítulo 4
A ESPADA EXCALIBUR

Após seu casamento, o Rei Arthur percorreu todo o país com seu exército, para acabar com algumas guerras entre pequenos reinos e para ajudar os pobres e necessitados. Nessas viagens, soube que um forasteiro chamado Lancelote do Lago estava importunando as pessoas que precisavam passar por uma ponte. Arthur mandou quatro de seus soldados para resolver o problema, mas eles foram derrotados.

Quando soube da derrota dos guardas, Arthur decidiu resolver o problema sozinho, embora todos na corte o aconselhassem o contrário. Chegando à ponte sobre o lago, Arthur se deparou com Lancelote, um cavaleiro alto e forte, vestindo uma armadura prateada. Arthur perguntou:

— Quem és tu?

— Sou Lancelote do Lago, e ninguém atravessa esta ponte sem antes me enfrentar.

— Ora, deixe de bobagens, homem. Sou o Rei Arthur e ordeno que vá embora e libere o acesso do povo a esta ponte, caso contrário o expulsarei daqui à força.

— Ah, finalmente um oponente qualificado! Vamos ver quão valorosa é sua majestade! Ninguém dá ordens a Lancelote! Prepara-te para o combate!

— Então ousas desafiar a autoridade máxima da Inglaterra?! Pagarás caro, forasteiro!

Dessa forma, os dois valentes guerreiros montaram em seus cavalos e tomaram distância. Estavam prontos para a justa. Arthur já não era o menino que erguera a espada anos antes. Agora ele estava **CALEJADO** na arte da guerra. Nos últimos anos estivera em centenas de batalhas, de modo que enxotar um forasteiro lhe parecia uma tarefa fácil e **LÚDICA**.

Arthur vestia uma armadura negra, com uma capa vermelha que esvoaçava à medida que seu **CORCEL** ganhava velocidade. Lancelote do Lago se sentia seguro dentro de sua roupa de metal. Os dois oponentes rumaram para o embate, segurando longas lanças de madeira com pontas de ferro. Quando se cruzaram, as duas lanças encontraram os respectivos peitos inimigos e os dois caíram de seus cavalos.

Arthur sentia muita dor. Seu colete de metal estava amassado e o braço direito com um corte profundo. Lancelote já estava se levantando, mas trazia

- **CALEJADO:** com calos nas mãos, experiente
- **LÚDICA:** de brincadeira, pueril
- **CORCEL:** cavalo muito corredor

uma mão ao peito, estancando uma **HEMORRAGIA**. Os dois lutadores desembainharam suas espadas e começaram a **PELEJAR**. Arthur tentava se defender dos pesados golpes de Lancelote, que era mais rápido, mas acabou se desequilibrando e caiu, batendo a cabeça nas pedras à beira do lago.

Lancelote se aproximou com cuidado do corpo do Rei Arthur caído e, quando atestou que ele estava imóvel, soltou um grito de emoção. Rei Arthur aproveitou a distração de seu adversário e invocou os poderes daquela espada milagrosa com toda sua força. O golpe atingiu o ombro de Lancelote, que caiu imóvel. Imediatamente, uma mancha **ESPESSA** de sangue começou a brotar pelo branco da armadura.

Infelizmente Arthur não pôde comemorar, porque sua espada Excalibur havia se partido em dois pedaços durante o golpe e ele começou a **ESBRAVEJAR**.

— Caos! Infernos! Que estupidez a minha! Arrisquei minha vida numa luta fútil, apenas para provar que sou um cavaleiro valoroso, e o que ganhei com isso? A ira divina como punição! Minha espada milagrosa quebrou. Que espécie de rei sou eu?

— És um rei de uma espécie rara, meu jovem, disse Merlim, que acabava de surgir por ali. São poucos os que enxergam os próprios defeitos, são menos ainda os que os admitem, e é uma raridade encontrar aqueles que se arrependem como tu. Porém não posso negar que usastes Excalibur para tua vaidade e glória pessoal, quando na verdade ela deve ser um instrumento para servir a todos. Para unir a todos!

— Merlim! Você sempre aparece quando eu mais preciso! Tens razão, meu egoísmo, minha ira e minha vaidade quebraram a espada sagrada. Eu nem sei o...

— Jogue esses pedaços da espada no lago! — disse o velho mago com uma voz rouca, ríspida e irritada.

— O quê? Talvez Excalibur tenha conserto... — retrucou o rei.

— Vamos Arthur, faça como eu disse.

Assim, Arthur lançou no lago os dois fragmentos daquela espada que havia feito dele um rei. Bastante **DESAPONTADO** consigo mesmo, Arthur fez menção de falar alguma coisa, mas Merlim, com um gesto, exigiu silêncio. E apontou para o lago.

Aos poucos a ponta de uma espada começou a aparecer. Logo uma espada inteira surgia de dentro do lago, empunhada por uma braço de mulher muito branco, circundado por pulseiras de ouro.

- **HEMORRAGIA:** derramamento de sangue
- **PELEJAR:** lutar, brigar
- **ESPESSA:** grossa, consistente
- **ESBRAVEJAR:** xingar, soltar a ira
- **DESAPONTADO:** desanimado, triste

— Vá até a Senhora do Lago e pegue a espada, Arthur — ordenou Merlim.

Arthur entrou na água, pegou a espada e sua bainha das mãos da Senhora do Lago, que lhe disse:

— Arthur, tome cuidado com Excalibur, eu a restaurei e agora você me deve um presente.

— Peça o que desejares e eu darei.

— Quando chegar a hora eu lhe procurarei — disse a misteriosa mulher vestida de branco, enquanto lentamente afundava no lago.

— Veja Merlim, é a minha espada! Está inteira novamente!

Arthur estava tão feliz por ter Excalibur de volta que nem se importou com a promessa feita.

— Esta é Excalibur, Arthur. De agora em diante, use-a com sabedoria — disse Merlim, que, percebendo a alegria de Arthur com a espada restaurada, perguntou:

— Arthur, diga-me uma coisa, qual tem mais valor para ti, a espada ou a bainha?

— É claro que a espada tem muito mais valor, Merlim! — respondeu Arthur rapidamente, com um sorriso na boca.

— Pois estás enganado, jovem. A bainha vale muito mais do que a espada; primeiro porque a bainha controla a espada; segundo porque enquanto tua espada estiver guardada, não verás teu sangue derramado.

— Sábias palavras Merlim, e eu prometo usá-la com sabedoria. Mas e quanto a esse valente Lancelote do Lago? Ele não merece morrer. Faça um encantamento para salvá-lo. Ele lutou como um bravo e só foi derrotado porque eu usei de magia.

— É melhor o deixarmos sangrar até morrer! — disse Merlim de forma azeda — O futuro de Camelot passa por ele.

— Merlim, sou seu rei e ordeno que salve a este bravo guerreiro.

— Seja feita vossa vontade, alteza — **RESIGNOU-SE** Merlim e, transmitindo a energia do universo através de suas mãos, curou as **CHAGAS** de Lancelote.

Capítulo 5
UM PRESENTE PARA A SENHORA DO LAGO

Os anos foram passando e uma certa tarde, quando os Cavaleiros estavam reunidos na Távola Redonda em Camelot, uma bela jovem muito nervosa passou pelos guardas e entre soluços falou:

- **RESIGNOU-SE:** conformou-se
- **CHAGA:** ferimento

— Sofri um encantamento e agora sou obrigada a carregar na cintura esta espada. Ela só poderá ser retirada da bainha por um cavaleiro muito honrado e virtuoso.

Para ajudar a donzela, o rei e vários outros cavaleiros tentaram puxar a espada sem que ela se movesse. Devido ao fracasso dos demais, Sir Balin chamou a moça e se prontificou a tentar ajudá-la, fora da sala da Távola Redonda e afastado dos outros cavaleiros. Sir Balin era um cavaleiro que, embora fosse muito apreciado por Arthur, não era bem quisto pelos outros, por isso não quis tentar desembainhar a espada na presença deles. Ajudando a donzela, esperava melhorar sua imagem no grupo.

Ainda que a donzela desconfiasse de que Balin conseguisse livrá-la da espada, ele a retirou com muita facilidade, arrancando elogios da mulher:

— Oh, és o mais valoroso cavaleiro de Camelot. Muito obrigada. Mas agora deves devolver-me a espada.

— Nunca! Esta espada deve servir a um guerreiro, não a uma donzela.

— Sendo assim, fique com ela. Mas saiba que esta espada será tua destruição. Ela te levará à tua maior vergonha, à morte de teu melhor amigo, e à tua própria morte, disse a donzela quase chorando antes de ir embora.

A partir daquele dia, Balin ficou conhecido como o Cavaleiro das Duas Espadas, já que na mão esquerda empunhava sua antiga espada e na direita empunhava a espada mais bela que já havia visto depois de Excalibur. Com as duas armas, Sir Balin se sentiu seguro e muito mais forte, tanto que decidiu deixar o reino e partir em busca de aventuras e heroísmos. Mesmo contrariado pela decisão de Balin, Arthur o deixou livre para seguir seu caminho. Com o **CONSENTIMENTO** de Arthur, o Cavaleiro das Duas Espadas foi preparar seu cavalo e seus pertences para a jornada e se retirou da sala do trono. Arthur ficou sentado em seu trono, meditando por alguns minutos, quando subitamente notou a presença da Senhora do Lago, com seus longos cabelos ruivos ainda molhados, bem à sua frente.

Um pouco irritado e assustado com a aparição repentina da Senhora do Lago, Arthur falou:

— Senhora do Lago! Que fazes aqui? Não sabes que as pessoas batem à porta antes de entrar?

— Acalma-te Arthur. Não sou humana, por isso não partilho de vossos costumes, disse a bela Senhora do Lago, com um sorriso que acalmou Arthur.

— Eu..., tudo bem, Senhora do Lago, eu estava distraído...

— Arthur, eu vim buscar o presente que me prometeste quando restaurei Excalibur, lembra?

❦ **CONSENTIMENTO:** concordância

— Nunca esquecerei daquele dia, Senhora. Peça o que quiseres. Ter Excalibur é o maior tesouro — disse Arthur, com mais entusiasmo do que razão.

— Quero a cabeça daquele a quem chamas Sir Balin. Ele se apropriou de minha espada encantada.

— Não posso conceber tal pedido. Se queres tua espada de volta eu a conseguirei, mas se queres a cabeça de Sir Balin... — Arthur ia dizendo quando foi interrompido.

— ... terás que arrancá-la com tuas próprias forças, bruxa! — completou Balin, que havia voltado para se despedir de Arthur. A Senhora do Lago se virou para Balin, mas não teve tempo de reagir, pois sentiu o aço da espada encantada rasgar-lhe o pescoço de lado a lado. A cabeça dela rolou pelo saguão real deixando uma espessa mancha de sangue azul. Arthur gritou irado:

— Balin, o que fizeste?! Estás louco?! Mataste a Senhora do Lago! Saia de Camelot imediatamente! Nunca mais quero ver-te! Não és um cavaleiro e sim um **BÁRBARO**! Não mereces estar entre os Cavaleiros da Távola Redonda! Tu me envergonhas, Balin; mas não serás morto nem preso. Serás **BANIDO** e terás de vagar pelo mundo com a vergonha da covardia que cometeste.

Balin baixou a cabeça e partiu com suas duas espadas. Ele nunca mais teve paz interior e percorreu o mundo tentando ser justo, fazendo o bem, até que ao tentar salvar uma dama em perigo, atacou e matou um cavaleiro que julgou ser maligno. Quando Balin retirou o **ELMO** que cobria a face deste cavaleiro, ele reconheceu seu próprio irmão Balan.

Fora de si, e **INSTIGADO** pelo arrependimento, Balin enterrou em seu próprio coração a espada encantada da Senhora do Lago. E a **PROFECIA** da donzela se cumpriu.

Capítulo 6
SIR LANCELOTE E AS MULHERES

Alguns anos antes do episódio entre Balin e a Senhora do Lago, Lancelote acordava sozinho num quarto estranho. Lembrava-se vagamente da justa contra o Rei Arthur e vestia apenas a roupa de baixo. Examinou seu corpo, quase

- **BÁRBARO:** selvagem, cruel, desumano
- **BANIDO:** expatriado, expulso
- **ELMO:** capacete de metal
- **INSTIGADO:** provocado, estimulado
- **PROFECIA:** previsão do futuro

não havia marcas de batalha. Achou muito estranho, pois lembrava-se de que o combate tinha sido violento, mas não se lembrava do **DESFECHO**. Pôs-se de pé e caminhou até a pequena janela, afastou a cortina e vislumbrou o espetáculo de brilho que era Camelot ao amanhecer, quando os primeiros raios de sol refletiam nos telhados de ouro do castelo.

— Que lugar é este? — pensou enquanto colocava uma roupa deixada ao lado da cama. Quando abriu a porta do quarto, uma criada lhe deu bom dia, perguntou como estava e o conduziu ao refeitório. Lancelote se alimentou e foi informado de que o rei gostaria de vê-lo.

Lancelote entrou na sala da Távola Redonda e se espantou com os quase cento e cinqüenta cavaleiros que se levantaram para saudá-lo. Rei Arthur pediu silêncio e anunciou:

— Lancelote, és o mais bravo guerreiro que já vi, por isso quero que se junte a nós e seja um Cavaleiro da Távola Redonda.

Em meio a tantos homens uniformizados olhando para ele, Lancelote se deparou com os olhos meigos da Rainha Guinever e algo queimou dentro de seu estômago. A rainha também se sentiu muito atraída pelo Cavaleiro do Lago, e, para a aflição de Merlim, Arthur condecorou Lancelote um Cavaleiro da Távola Redonda. Desse modo, apenas o Assento Perigoso continuava vazio na imensa mesa.

A **DESTREZA** de Lancelote em torneios, lutas e batalhas logo o elevaram à condição de Primeiro Cavaleiro de Camelot. Arthur e todos os outros guerreiros admiravam a força, a coragem e a perícia do Cavaleiro do Lago. A Rainha Guinever admirava sua beleza física e Lancelote vivia o conflito de um amor impossível. O convívio na corte aproximou os dois, que se sentiam bem conversando pelos corredores do palácio ou trocando olhares discretos, mas ardentes em cerimônias oficiais.

Para lutar contra a tentação, Sir Lancelote costumava se ausentar da corte e ir em busca de aventuras. Enfrentando o perigo, ele canalizava suas energias em valores nobres, ao mesmo tempo em que continuava ganhando a admiração da Rainha Guinever, que se orgulhava dos feitos do Campeão de Camelot.

Numa dessas aventuras, Sir Lancelote passou pelo povoado do Rei Pelles. A princesa Elaine, filha do Rei Pelles, estava presa na torre do castelo. Os **VASSALOS** lhe contaram que a Fada Morgana, filha de Igraine e do conde de Tintagil, havia feito um feitiço porque detestava a beleza da donzela. Aliás, essa não era a primeira vez que a irmã do Rei Arthur, por parte de mãe, fazia maldades.

Quando criança, Morgana foi enviada por sua mãe Igraine a uma ordem secreta, onde aprendeu as artes negras da magia e do feitiço. Nesse tempo

- **DESFECHO:** final, fim
- **DESTREZA:** aptidão, habilidade
- **VASSALO:** servo, serviçal do reino

ela teria adquirido muitas habilidades, como voar, o que lhe rendeu o apelido de Fada Morgana. Movida pela inveja de Arthur, ela o iludiu e roubou Excalibur dele, entregando-a para seu amante, Sir Accolon. Em seguida, Morgana usou sua magia para que Accolon e Arthur se enfrentassem por engano. Seu objetivo era que Arthur morresse, assim ela poderia assumir o trono de Camelot, uma vez que, na época, Arthur ainda era solteiro. Entretanto, Arthur venceu Accolon, os dois descobriram a trama e o plano de Morgana falhou. Enfurecida, ela jogou a bainha de Excalibur nas águas da Senhora do Lago e Arthur nunca mais recuperou sua bainha.

Lancelote, que não gostava nem um pouco de Morgana, entrou na torre e libertou a donzela da maldição da bruxa. Quando estavam saindo do castelo, um enorme dragão alado apareceu voando e lançando extensas **LABAREDAS** pelas ventas. Lancelote disse para a donzela se esconder atrás de uma grande rocha e subiu em seu cavalo. Com muita coragem, o cavaleiro galopou em direção ao dragão, que se aproximava pelo ar. Quando se cruzaram, o dragão expeliu fogo pela boca, mas Lancelote ergueu seu escudo com o braço esquerdo e aparou as chamas. Com a mão direita, Lancelote cravou sua lança no enorme coração do monstro, que esguichou uma chuva de sangue, perdendo altura até cair.

Anoitecia, e os vassalos que assistiam a tudo de longe correram com suas tochas em direção ao dragão, festejando a morte daquele inimigo terrível. Quando chegaram perto do ser **ALADO**, eles **ATEARAM** fogo no bicho. Lancelote correu para perto da donzela e perguntou se estava tudo bem e ela o abraçou.

Vendo-a assim, à luz da fogueira proporcionada pelo dragão incendiado, Lancelote notou que a princesa Elaine era a mulher mais linda que já havia visto, depois da Rainha Guinever. Elaine confessou estar apaixonada por seu salvador, mas Lancelote lhe contou de seu amor pela Rainha de Camelot.

O Rei Pelles era um homem **ERUDITO** e sabia que aqueles acontecimentos desencadeariam algo de muito importante. Pelles conhecia a profecia que dizia que um dia, vindo de longe, *um nobre leopardo mataria a serpente alada e faria nascer um leão, que seria o melhor e mais puro cavaleiro da Terra*. Em sua biblioteca, Pelles analisou os fatos e concluiu que Lancelote era o leopardo, a serpente alada era o dragão morto e o leão que estava por nascer seria o filho de Lancelote.

Por isso, o Rei Pelles falou com sua filha Elaine sobre casar-se com Lancelote, mas a princesa estava triste, já que o Cavaleiro do Lago amava outra

- **LABAREDA:** chama longa, língua de fogo
- **ALADO:** com asas
- **ATEARAM:** colocaram fogo
- **ERUDITO:** culto, com muitos conhecimentos

mulher. Isso levou o Rei Pelles a encomendar à Fada Brisen uma poção que fizesse Lancelote pensar que Elaine era Guinever. Assim, após um jantar no castelo do Rei Pelles, foi servido vinho aos convidados. O vinho de Sir Lancelote estava misturado com a **POÇÃO** de Brisen, e o feitiço levou o primeiro cavaleiro do Rei Arthur para os braços de Elaine. Passaram a noite juntos, e Lancelote adormeceu pensando ter feito amor com sua amada Guinever.

Na manhã seguinte, o encanto se desfez. Lancelote teve vontade de matar Elaine, mas poupou sua vida depois de ter compreendido que ambos estavam enfeitiçados. Mesmo assim, disse a Elaine que nunca mais queria vê-la e voltou a Camelot.

Capítulo 7
SIR LANCELOTE *VERSUS* SIR GAWAINE

Aos poucos, rumores de que Lancelote tinha um caso com Guinever se espalhavam pela corte, sem que Arthur soubesse de nada. Até que num jantar da corte Sir Gawaine acusou Guinever e Lancelote de traírem Arthur. Uma discussão feroz começou e os guardas tiveram de separar Gawaine e Lancelote. Arthur, mantendo a calma, falou:

— Sir Gawaine, você fez uma acusação grave à honra da rainha, de Lancelote e de todo o reino. Tens como provar a verdade desses fatos?

— Não tenho evidências senhor, mas dou minha palavra e minha vida, para que meu rei não seja **DIFAMADO** e traído.

Rei Arthur ficou pensativo por alguns minutos enquanto todos se olhavam constrangidos. Por fim falou:

— Pela lei de Camelot, Sir Gawaine deve enfrentar o Primeiro Cavaleiro do Reino, por ter **MACULADO** a honra da rainha sem dispor de provas. Em uma semana, no dia da celebração de **PENTECOSTES**, ao meio-dia, Sir Gawaine enfrentará Sir Lancelote numa justa. A verdade será daquele que sair vitorioso e a vitória será daquele que tiver a verdade. Assim querem os céus.

Dito isso, Arthur se retirou. Seu peito doía. Lancelote e Gawaine tiveram que aguardar pelo combate fora de Camelot e a rainha se trancou na torre mais alta do palácio para orar e meditar.

Sir Gawaine foi para o sul e ficou se preparando para o combate. Sir Lancelote foi para o norte, estava corroído por dúvidas. Sabia que Sir Gawaine

- **POÇÃO:** bebida mágica
- **DIFAMADO:** malfalado
- **MACULADO:** manchado, sujo
- **PENTECOSTES:** festa católica em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos

agia com pureza no coração, por fidelidade a Arthur. Por outro lado, a situação era injusta com a rainha e com o próprio Lancelote. Se era verdade que eles se amavam, também era verdade que nada mais íntimo havia acontecido entre os dois. Por isso, Lancelote não sabia se deveria lutar contra Gawaine (e matá-lo) ou abandonar o reino ou ainda fugir com a rainha para alguma terra distante.

No dia do embate, Gawaine estava lá, ao meio-dia, vestindo uma **FLAMANTE** armadura prateada. O rei e a rainha estavam na tribuna. Devido ao atraso de Lancelote, o rei falou:

— Parece que Lancelote desistiu da justa. Sir Gawaine acusa a Rainha Guinever de traição a Camelot. Há entre os outros Cavaleiros da Távola Redonda alguém que se disponha a defender a rainha contra Sir Gawaine?

Houve um silêncio **HOMICIDA** entre os nobres. Nenhum deles se dispôs a defender a honra da rainha, todos apoiavam a acusação de Gawaine. até que um jovem, vestindo roupas de camponês gritou:

— Rei Arthur, eu sou Persival, o escudeiro de Sir Lancelote. Por favor, deixe-me defender a honra da rainha.

— Tens uma coragem imensa, Persival. Aproxime-se.

Assim, Arthur consagrou Persival Cavaleiro da Távola Redonda e, vestido como estava, com seus trajes simples, o jovem pegou uma lança e um cavalo e se preparou para o duelo.

Rei Arthur estava prestes a dar o sinal para que se iniciasse o confronto, quando surgiu galopando veloz um cavaleiro. Era Lancelote, com sua armadura branca.

— Desculpe o atraso, alteza, demorei, mas estou aqui. Vim defender a rainha. Afasta-te, nobre Persival.

Gawaine e Lancelote se prepararam para justar e, ao sinal do rei, partiram exigindo toda velocidade de seus cavalos. Ao choque das lanças os dois conseguiram permanecer em seus cavalos, deram a volta e galoparam novamente um contra o outro. Desta vez a colisão das lanças foi maior e derrubou os dois guerreiros. Mesmo feridos, eles prontamente se levantaram e começaram a combater com as espadas. Lancelote era mais ágil e tinha maior técnica, contudo Gawaine demonstrava mais vontade e força. O resultado da luta era imprevisível e a Rainha Guinever olhava a disputa atentamente.

O solo umedecido por uma forte chuva na noite anterior dificultava o combate. Ao tentar um golpe mais potente, Sir Gawaine resvalou e caiu. Sir Lancelote aproveitou a distração do colega, tirou-lhe a espada e disse:

- **FLAMANTE:** de cor muito viva
- **HOMICIDA:** assassino, mortal

— Rende-te feroz Gawaine. A luta acabou.

— Prefiro morrer a me render a um traidor — disse Gawaine com os dentes lavados do sangue que lhe corria pela boca.

— Então marcaremos um novo combate, pois não posso matar um cavaleiro ferido. Recupera-te e faremos novo combate.

A verdadeira intenção de Lancelote era deixar Camelot e a Inglaterra, para não precisar mais brigar contra seus companheiros. Mas seu plano teve de ser interrompido quando surgiu a notícia de que um imenso bloco de mármore inacreditavelmente boiava no rio que passava pelo reino de Camelot.

Capítulo 8
SIR GALAHAD

Por obra de Merlim, o bloco de mármore boiava com a espada encantada da Senhora do Lago cravada nele. Era a mesma espada que havia tirado a vida de Balin e de seu irmão Balan.

Merlim construiu uma ponte de ferro e aço que conduzia até a pequena ilha de mármore. No caminho, ele deixou a bainha da espada encantada e disse a Arthur e aos demais cavaleiros da corte que apenas um cavaleiro puro, sem tentações e sem maldade poderia passar por ali. Como Lancelote e Gawaine estavam feridos, Arthur pediu a Sir Galahad que retirasse a espada.

Sir Galahad havia sido sagrado cavaleiro por Sir Lancelote alguns dias antes, quando um grupo de freiras pediu ao Cavaleiro do Lago que consagrasse o jovem que vivia sob a custódia delas numa **ABADIA** perto de Camelot. Durante a missa de consagração, Lancelote olhava para o jovem Galahad e tinha a impressão de estar se autocontemplando numa espécie de espelho mágico que mostrava seu rosto quando jovem.

Ao ouvir a ordem do Rei Arthur, Sir Galahad atravessou a ponte e logo encontrou a bainha da espada. Quando chegou na ilha de mármore, Galahad retirou a espada com muita facilidade. Arthur se emocionou, lembrando sua façanha muitos anos antes. Os outros Cavaleiros vibraram com seu feito e muitos notaram a semelhança física entre Sir Lancelote e o jovem Galahad. Entretanto, foi a Rainha Guinever que revelou ser Galahad filho de Lancelote e da princesa Elaine, segundo uma das freiras da abadia havia lhe confessado. Ao saber disso, Lancelote se encheu de emoção por haver consagrado seu próprio filho, dias antes.

ABADIA: mosteiro

Sob as ordens do Rei Arthur, todos rumaram para a sala da Távola Redonda. Ao chegarem lá, ficaram surpresos, pois no lugar da inscrição de advertência do Assento Perigoso estava escrito com letras de ouro: ESTE LUGAR PERTENCE A SIR GALAHAD. Ele ali sentou-se sem medo algum e todos os nobres saudaram o jovem e as mulheres diziam que ele era o mais belo dentre os cento e cinqüenta cavaleiros do Rei Arthur.

Pela primeira vez a Távola estava com todos os seus lugares ocupados e, embora houvesse alegria pela presença de Galahad, havia um clima de desconfiança e desunião entre os Cavaleiros, pois muitos deles apoiavam Sir Gawaine na acusação à rainha e a Sir Lancelote. Outros apoiavam Lancelote e uma parcela menor estava ao lado do rei, esperando que a decisão da justiça fosse feita no próximo combate.

Nesse clima, durante o jantar, ouviu-se um grande estrondo dentro da sala, seguido de uma intensa luz que cegou por momentos todos os presentes. A luz vinha de cima, a partir do centro da mesa. Ela brilhava muito, mas Merlim e logo depois os outros conseguiram distinguir a figura do **SANTO GRAAL**, coberto por um tecido de seda. Quando todos se certificaram do que viam, tiveram a sensação de terem feito a melhor refeição de suas vidas e sentiram uma imensa alegria.

Contudo, essa emoção durou pouco tempo e o Cálice Sagrado sumiu, deixando uma enorme sensação de vazio entre aqueles homens. Por isso, um silêncio maciço tomou conta da Távola até que Merlim falou:

— Amigos, tivemos uma visão súbita do Santo Graal, o cálice sagrado da última ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi usado por José de Arimatéia, um antepassado de Sir Galahad, para recolher o sangue do Senhor na cruz, depois de um **CENTURIÃO** romano tê-lo **ESTOCADO** com a lança. Diz a lenda que o Graal teria sido trazido à Inglaterra por cavaleiros que foram lutar no Oriente, para tentar retomar Jerusalém dos muçulmanos. Segundo a lenda, aquele que beber do Santo Graal tem seus males curados instantaneamente.

Ao ouvir isso, Sir Gawaine disse:

— Companheiros, tivemos apenas um **LAMPEJO** do poder do Santo Graal, mas devemos ir em sua busca e desvendá-lo. Só assim nos sentiremos repletos novamente.

Os outros Cavaleiros se animaram com o desafio de encontrar o cálice e a sala se encheu com o som de suas vozes. Em meio ao falatório, Rei Arthur

- **SANTO GRAAL:** segundo a lenda, taça usada por Jesus na última ceia e por José de Arimatéia para guardar o sangue que escorria de Cristo na cruz
- **CENTURIÃO:** soldado romano
- **ESTOCADO:** perfurado por objeto pontiagudo
- **LAMPEJO:** vislumbre, pequena amostra

pensava que a visão coletiva do Graal significaria o fim de Távola Redonda, pois sabia que a maioria dos cavaleiros não voltaria vivo de tão longa e áspera empreitada. Arthur pensava que era muito irônico que essa **DISSOLUÇÃO** de seus guerreiros acontecesse justamente no dia em eles haviam conseguido completar os cento e cinqüenta lugares pela primeira vez.

Alguns dias depois, em sua despedida, Merlim lhe diria que o fim da Távola era uma punição divina, devido à discórdia que se abatera sobre os Cavaleiros, e que apenas Galahad era puro o suficiente para encontrar o Graal, pois havia nascido para esta missão.

Merlim se despediu de Arthur assim que o último cavaleiro deixou o reino. Disse a seu velho amigo que tinha outras tarefas a fazer em outras terras além de Avalon, a ilha lendária, distante, e coberta por brumas, de onde Merlim tinha vindo.

Capítulo 9
EM BUSCA DO CÁLICE SAGRADO

Na manhã posterior ao jantar, houve um grande desfile dos cento e cinqüenta cavaleiros na praça central de Camelot. A população se despediu deles, que partiram deixando todos tristes, principalmente a rainha, que temia pela vida de seu amor, Lancelote. Em face do milagroso acontecimento da ceia, antes de partir, Merlim propôs que o duelo entre Sir Lancelote e Sir Gawaine fosse adiado para quando a busca do Graal estivesse terminada. Todos acharam essa decisão a mais acertada, afinal, se eles conseguissem o cálice sagrado, viveriam em harmonia perfeita e duelos não seriam mais necessários.

Assim que deixaram o castelo, os cavaleiros partiram em todas as direções em busca da maior de todas aventuras. Durante vários anos os nobres de Camelot percorreram todos os cantos não só do que hoje chamamos Reino Unido, mas se espalharam por toda Europa, pela África e Oriente Médio.

Perguntavam às pessoas se sabiam alguma coisa sobre o Graal, falavam com bruxos, feiticeiros, **EREMITAS**, andarilhos, filósofos, **ALQUIMISTAS**, pesquisavam em bibliotecas e sobretudo galopavam com coragem rumo ao desconhecido.

Muitos cavaleiros **PERECERAM** no frio das terras da Escandinávia ou nas escaldantes areias do deserto do Saara. Vários outros foram alvos de **CILADAS**

- **DISSOLUÇÃO:** separação
- **EREMITA:** pessoa que vive isolada da sociedade
- **ALQUIMISTA:** praticante da Alquimia (química medieval)
- **PERECERAM:** morreram
- **CILADA:** emboscada, armadilha

armadas por antigos inimigos de Camelot que se aproveitavam da fragmentação da Távola para aniquilar os cavaleiros isoladamente. Com o passar do tempo, alguns cavaleiros desistiram da busca e, envergonhados, decidiram não voltar mais para Camelot, outros se envolviam em combates **FRÍVOLOS** e morriam como **MERCENÁRIOS**.

Um dia Sir Galahad chegou a um mosteiro que parecia abandonado e encontrou vários cavaleiros mortos. Seus corpos estavam estendidos formando um círculo. Eles tinham os braços esticados na direção de um belo escudo branco com uma cruz vermelha no centro. Como o escudo estava no meio do círculo de cavaleiros, Galahad concluiu que ao tocarem no escudo, algo de ruim teria acontecido aos cavaleiros levando-os à morte. Como era o mais puro dos cavaleiros, Galahad foi em direção ao escudo e quando ia tocá-lo ouviu um grito:

— Não toca neste escudo, Galahad. Todos estes bons cavaleiros morreram após tentar se apoderar dele. Eu os coloquei nessa posição ao redor do escudo como um sinal de alerta.

Galahad se voltou, reconheceu Sir Uwaine e lhe falou:

— Não te preocupa, nobre Uwaine. Este escudo pertenceu a José de Arimatéia. Na época ele era todo branco. Mas quando Arimatéia estava morrendo, seu melhor amigo, o Rei Evelake, pediu que lhe deixasse uma lembrança. Arimatéia então desenhou uma cruz vermelha com o próprio sangue e o vermelho do escudo se manteve nobre e brilhante até hoje.

Uwaine olhou Galahad com espanto. Como ele poderia saber tanto? Uwaine ia dizer a Galahad que apenas o mais puro cavaleiro poderia usar aquele escudo sem que nada lhe acontecesse, mas desistiu quando viu o jovem manuseando a peça. Com a espada encantada e o escudo branco, Galahad foi em direção ao litoral da Inglaterra. Chegando lá encontrou um barco abandonado e com ele atravessou o Canal da Mancha e entrou na Europa.

Alguns meses após esses acontecimentos, Sir Lancelote e Sir Persival procuravam o cálice na região onde hoje é a Alemanha. Procuravam uma velha eremita na Floresta Negra, um aldeão havia lhes informado que ela sempre contava lendas a respeito do "sangue-real", como o aldeão se referia ao santo cálice que conteve o sangue real de Cristo.

Vagavam a dias pela floresta sem encontrar ninguém, até que Lancelote ouviu a aproximação de um cavalo, e ele, assustado, avançou contra o estranho com sua lança. Ao colidir com o escudo do oponente, sua lança se esfarelou e Lancelote caiu de seu corcel.

Sir Persival decidiu então atacar o forasteiro, mas sentiu o gosto **FEÉRICO**

- **FRÍVOLO:** fútil
- **MERCENÁRIO:** que luta por dinheiro, e não por um ideal
- **FEÉRICO:** encantado, deslumbrante



de sua espada logo no primeiro embate. Nisto, a velha eremita que eles procuravam apareceu por detrás das árvores saudando Galahad, o melhor dos cavaleiros, capaz de facilmente **SOBREPUJAR** Lancelote e Persival. Ao ter sua identidade revelada pela velha, Galahad fugiu dali, pois deveria procurar o Graal sozinho.

Persival e Lancelote também resolveram se separar. Sir Lancelote viveu muitas aventuras e encontrou o Graal numa capela abandonada, mas ao tentar se aproximar do cálice sagrado, ouviu uma voz dizendo que não era digno dele, por amar uma mulher casada.

Capítulo 10
O SANTO GRAAL É ENCONTRADO

Sir Galahad, Sir Persival e Sir Bors se encontraram meses depois e resolveram cavalgar juntos, já que em separado não tinham conseguido nada. Assim, os três seguiram em direção ao Oriente e quando chegaram a Jerusalém, Galahad teve um sonho que dizia que o Graal estava na Inglaterra, na capela onde Sir Lancelote o havia encontrado. Os três então voltaram para o solo britânico de navio e Sir Galahad encontrou o cálice. Quando tocou nele, ouviu vozes que lhe ordenavam levar o Graal de volta para o Oriente. E ele assim o fez.

Persival e Bors navegaram com o amigo Galahad até a cidade de Sarras. Lá começaram a executar milagres, curando pessoas com o Graal, até que o perverso rei da cidade mandasse prendê-los. Os três ficaram quase um ano na prisão, quando o rei foi ferido numa batalha. Como estava morrendo, mandou chamar Galahad e pediu que ele o curasse com o cálice sagrado. Galahad o curou e, em retribuição, o rei os soltou e ofereceu o trono de Sarras ao mais puro dos cavaleiros:

— Estou muito velho para seguir governando. Agora que fui curado por um cavaleiro do bem, reconheço meus erros e maldades. Como não tenho descendentes, peço-te, Galahad, que governes Sarras por mim.

Galahad aceitou o desafio e o rei morreu em paz.

Todas as manhãs o Rei Galahad e seus amigos Persival e Bors rezavam na igreja onde estava o Santo Graal. Numa dessas manhãs, quando já fazia um ano que Galahad era rei, ele viu um ancião ajoelhado em frente ao Graal. Havia muitos anjos em volta do homem. Galahad se aproximou e o homem disse:

— Galahad, sou José de Arimatéia, seu **ANTEPASSADO**. Cumpriste tua missão com lealdade e valentia, estou orgulhoso de ti. Mas agora deves voltar aos céus, pois és chamado por Nosso Senhor.

- **SOBREPUJAR:** superar, vencer, dominar
- **ANTEPASSADO:** ascendente, ancestral

Galahad se emocionou com a convocação celestial e abraçou José de Arimatéia. Enquanto se abraçavam, Sir Galahad sentiu seu espírito deixando seu corpo e se deitou no piso da igreja, em frente ao altar onde estava o Graal. Nesse momento, chegaram ao templo Persival e Bors. Antes que eles se preocupassem, Galahad disse:

— Amigos, estou partindo. Vivemos muitas coisas boas juntos, mas agora outros deveres me chamam. Digam a meu pai, Lancelote, que eu o amo e que as coisas desse mundo não passam de ilusão.

Ao pronunciar essas palavras Galahad fechou os olhos, uma intensa luz deixou seu corpo e subiu aos céus ao lado de centenas de anjos. Persival e Bors ainda viram Arimatéia subir junto, carregando o Santo Graal, seu escudo branco e a espada encantada.

Quando tudo isso acabou, restava na igreja um silêncio triste entre Persival e Bors. Persival decidiu **DEVOTAR** sua vida a Deus e morreu um ano depois como eremita. Após a morte do amigo, Sir Bors retornou a Camelot e lá contou ao Rei Arthur todas essas histórias. Arthur declarou encerrada a busca do Santo Graal. Sir Bors também levou a mensagem de Galahad a seu pai Lancelote.

Capítulo 11
MORTE ENTRE OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

Quando Sir Bors chegou à corte do Rei Arthur, encontrou poucos rostos conhecidos e muitos rostos jovens, como os de Sir Avagraine e Sir Mordred. Dentre os conhecidos reconheceu Lancelote e Gawaine, que tinham os cabelos já grisalhos e algumas rugas, embora ainda fossem homens **CORPULENTOS**. Para sua decepção, Sir Bors logo soube que eles não haviam esquecido suas **DESAVENÇAS** e o combate dos dois estava marcado para dali a uma semana.

Ao ouvir a mensagem de Bors, Lancelote decidiu se retirar definitivamente de Camelot e desistir do amor de Guinever. Ambos já estavam ficando velhos e Lancelote resolveu seguir o conselho de Galahad, encarando as coisas deste mundo como ilusões. Lancelote partiria no dia seguinte, assim evitaria o combate com Sir Gawaine.

Durante todos os anos em que os Cavaleiros se ausentaram de Camelot, o Rei Arthur e a Rainha Guinever dormiam em quartos separados. Quase nunca se

- **DEVOTAR:** oferecer, dedicar
- **CORPULENTO:** forte; com boa massa muscular
- **DESAVENÇA:** rivalidade, rixa, diferença

falavam. Ambos estavam muito tristes e amargurados com as denúncias de traição e com o esvaziamento da Távola. Aproveitando-se dessa solidão, Morgana, irmã de Arthur por parte de sua mãe Igraine, fez um feitiço e seduziu o rei, que imaginou estar fazendo amor com a Rainha Guinever, enquanto, na verdade, estava amando sua irmã Morgana. Desse encontro **INCESTUOSO** nasceu Mordred.

Mordred era filho de Arthur, mas foi criado como sendo seu sobrinho. Mais uma vez, o plano de Morgana era se tornar rainha e reparar a injustiça que sofrera quando seu pai, o Duque de Tintagil, foi morto pelo exército do Rei Uther, pai de Arthur. Sendo Mordred filho do Rei Arthur, assim que ele morresse, Mordred assumiria o trono e Morgana seria sua rainha. Mas era preciso apressar a morte de Arthur.

Por isso, Mordred e Morgana armaram uma **CONSPIRAÇÃO**. Souberam que Lancelote iria embora da corte e sabiam que ele não o faria sem se despedir da rainha. Assim, Sir Mordred, Sir Agravaine e mais doze homens ficaram **À ESPREITA** de Lancelote. Quando ele surgiu no corredor, foi atacado pelos jovens. Mesmo sem armadura e sendo pego de surpresa, o maduro Lancelote deu conta dos inimigos, matou Sir Agravaine e os outros doze homens. Sir Mordred fugiu ferido e correu aos aposentos do Rei Arthur para contar os fatos.

Na **VERSÃO** de Mordred, as mortes de Sir Agravaine e dos outros homens na porta do quarto de Guinever serviam como provas de sangue do envolvimento da Rainha com Lancelote, uma vez que o Cavaleiro do Lago a tinha visitado de madrugada. Por isso, Arthur teve de usar a lei de Camelot, a qual previa a **INCINERAÇÃO** na fogueira para a adúltera e a **GUILHOTINA** para seu amante.

Assim, naquela madrugada, Arthur deu a seus sobrinhos Sir Gaheris e Sir Gareth a missão de escoltar a Rainha Guinever para sua sentença de morte. Gaheris e Gareth não acreditavam na denúncia de Mordred, mas com tristeza aceitaram cumprir as ordens do rei. Muitos cavaleiros também não gostavam de Mordred e o julgavam falso. Por isso, sob o comando de Sir Lancelote, lutaram contra as tropas do Rei Arthur, libertaram a rainha e fugiram com ela. Sob o comando de Sir Lancelote, os **DISSIDENTES** cruzaram o canal da Mancha e levaram Guinever para a França.

Sir Gaheris e Sir Gareth morreram covardemente nesse combate, pois não estavam armados. O Rei Arthur ficou inconsolável ao saber da morte de seus sobrinhos. Sir Gawaine, irmão mais velho dos jovens assassinados, jurou

- **INCESTUOSO:** que mantém relações sexuais com um parente
- **CONSPIRAÇÃO:** plano secreto para depor um governante
- **À ESPREITA:** à espera, na moita
- **VERSÃO:** ponto de vista
- **INCINERAÇÃO:** queima
- **GUILHOTINA:** instrumento usado para decapitar criminosos
- **DISSIDENTE:** que se separa de um grupo por discordar de suas opiniões

matar Sir Lancelote. Além disso, Sir Gawaine convenceu Arthur a expulsar as missões de paz enviadas por Lancelote e a **DEFLAGRAR** uma guerra violenta entre antigos Cavaleiros da Távola Redonda.

O Rei Arthur reuniu seus homens e então foi à França combater Sir Lancelote e recuperar a rainha condenada. Meses de sangue transcorreram até que, por intervenção do Papa, as agressões cessaram. Sir Lancelote e o Rei Arthur se encontraram para assinar um tratado de paz. Durante o acordo, Sir Lancelote entregou a rainha de volta para o Rei Arthur e fez um discurso emocionado, lembrando dos bons tempos de união dos Cavaleiros da Távola Redonda e dizendo que se arrependia de seu amor. O Rei Arthur, por sua vez, seguindo a orientação papal, aceitou Guinever de volta e todos os nobres se comoveram quando os três se abraçaram.

Todos, exceto Sir Gawaine. Arthur havia prometido a Gawaine o direito de vingança, caso ele não usasse de violência. Sir Gawaine se aproximou dos três e, ao lado do Papa, falou:

— Lancelote, tuas palavras e promessas podem ser bonitas, podem fazer com que os outros chorem e se emocionem. Mas eu não compartilho desta choradeira! Eu não te perdoarei e exijo vingança, pois tu mataste meus dois irmãos. Por isso, com os poderes a mim outorgados pelo Rei Arthur, condeno-te a viver banido, exilado, distante das terras inglesas para sempre.

Lancelote aceitou com humildade seu exílio e, ao despedir-se de Guinever, gritou:

— Há algum de vós entre os presentes capaz de dizer que esta rainha não é fiel ao seu rei? Se há alguém capaz desta **BLASFÊMIA**, fale agora.

Seguiu-se um silêncio que purificou a **AURA** de Guinever. Contente, Lancelote se despediu de todos e da rainha, dizendo que, se no futuro ela necessitasse de sua defesa, poderia contar com ele. Novamente, enquanto os demais choravam, Sir Gawaine tinha o rosto fechado e não falava com ninguém.

Capítulo 12
REI MORDRED

Quando o exército de Arthur voltava para Camelot, foi surpreendido pela notícia trazida por um **ARAUTO** de que Sir Mordred era o novo rei de Camelot. Aproveitando a ausência de Arthur, durante as batalhas do rei na França contra

- **DEFLAGRAR:** propagar, iniciar
- **BLASFÊMIA:** mentira, calúnia
- **AURA:** a mente e o espírito
- **ARAUTO:** enviado, mensageiro

Lancelote, Morgana e Mordred falsificaram cartas, vindas da Europa e enganaram o povo dizendo que Arthur havia morrido em combate.

O povo de Camelot, desorientado pela suposta morte de seu rei, aceitou o comando de Morgana e de Mordred, que forçaram o **PARLAMENTO** a declará-los os novos monarcas. Mordred, **OBCECADO** pelo poder, decidiu atacar o cansado exército do Rei Arthur para recuperar a Rainha Guinever. O rebelde queria se casar com ela, mesmo sob os protestos do bispo de Canterbury, que afirmava ser tal união muito pecaminosa, já que Guinever era esposa de Arthur.

Disposto a tudo, Mordred preparou uma armadilha. Quando o exército de Arthur estava passando por um vale próximo ao local onde ele conheceu Lancelote e encontrou a Senhora do Lago, seu exército foi inesperadamente atacado pelos homens de Mordred. Mesmo cansados e surpreendidos, os homens de Arthur afugentaram as forças de Mordred. Contudo, no final da batalha, Sir Gawaine foi gravemente ferido. Mesmo morrendo, o sobrinho de Rei Arthur teve forças para caminhar até seu rei e falar:

— Arthur, agora que minha morte se aproxima, eu vejo a desgraça que minha ira desenfreada causou. Por minha culpa, arrastaste o exército de Camelot até a França e deixaste desguarnecida Camelot. Por minha culpa Mordred a tomou como um abutre **VIL**. Se Lancelote não tivesse sido banido por mim, isso não teria acontecido...

Gawaine fez uma pausa para tomar um pouco de ar, as costelas lhe doíam muito. Com os olhos lacrimejantes, falou:

— Arthur, tentarei reparar meu erro, escreverei uma carta ao nobre Lancelote, pedindo desculpas por tudo e implorando a ajuda do exército dele. Somente se unirmos a Távola Redonda mais uma vez, teremos chance contra Mordred.

Ao dizer isso, Sir Gawaine foi aplaudido pelos outros cavaleiros e Arthur entregou a ele uma pena e um manuscrito. Ao terminar de escrever sua carta de **REDENÇÃO**, Gawaine faleceu com uma expressão aliviada no rosto.

Capítulo 13
A MORTE DE ARTHUR

No dia seguinte à morte de Gawaine, houve uma nova batalha e novamente as forças de Mordred foram vencidas, cedendo mais espaço para o exército do Rei Arthur.

- **PARLAMENTO:** conjunto de legisladores
- **OBCECADO:** teimoso, obstinado
- **VIL:** reles, de pouco valor
- **REDENÇÃO:** ato de se redimir

Embora Arthur tivesse vencido os dois primeiros combates, suas tropas estavam cada vez mais famintas, feridas e cansadas, pois vinham lutando há meses, primeiro contra Lancelote e agora contra Mordred. Além disso, Mordred preparava uma grande união das forças inimigas de Arthur e a chegada desses exércitos estava prevista para dali a dois dias, quando os dois líderes tinham um encontro marcado.

Na véspera desse encontro, Arthur sonhou com Merlim e com o fantasma de Gawaine. Os dois disseram que Arthur deveria esperar um mês antes de lutar novamente, pois as forças de Mordred estavam muito fortes agora e apenas dentro de um mês Sir Lancelote teria tempo de ser avisado, preparar seu exército e ir com ele até a região de combate, o Lago onde Arthur recuperou Excalibur.

Sabendo disso, Arthur foi ao encontro de Mordred para propor uma trégua. No encontro, os dois líderes combinaram que nenhuma espada poderia ser desembainhada. Caso isso acontecesse, a batalha começaria. Ambos temiam trapaças de seus opositores, por isso tomaram tal medida.

O acordo ocorreu em paz. Mordred aceitou a trégua, pois assim teria mais tempo de receber reforços dos pontos distantes da Inglaterra e Arthur vibrou com a possibilidade de poder lutar ao lado de seu campeão Lancelote, dentro de um mês. Quando Mordred e Arthur já estavam celebrando o acordo com vinho, Morgana instruiu uma serpente a sair debaixo de umas pedras e assustar um cavaleiro de Mordred. Temendo ser picado pela víbora, esse cavaleiro desem-bainhou sua espada e a matou. Ao ver a reação deste soldado, com a espada em riste, os homens de Arthur partiram para o ataque ao som das trombetas.

Diz a lenda que esta teria sido a mais sangrenta de todas as batalhas campais que a Inglaterra já viu. Os homens de Arthur, cansados de tanta guerra, lutavam como se fosse a última vez e, à medida que o dia terminava, uma multidão de corpos ia se alastrando pelo chão, onde os campos verdes já estavam vermelhos de sangue.

Quando a noite se estabeleceu, a luz de uma lua cheia triste deixava claro que somente dois cavaleiros da **FALANGE** do Rei Arthur estavam vivos, embora muito feridos. Sir Bedivere e seu irmão, Sir Lucan. Mas antes que pudessem comemorar, Arthur viu Mordred se erguer por entre os corpos. Sua armadura dourada estava vermelha de sangue.

Ao ver seu filho maligno, Arthur gritou:

— Basta de tirania. Morrerás como um cão!

E correu em direção ao jovem com sua lança, ao mesmo tempo em que

❦ **FALANGE:** tropa, legião

Mordred perfurava Arthur com sua espada. Mordred caiu morto na hora e uma baba grossa de um sangue enegrecido escorregava lentamente por sua boca e queixo.

Arthur sentou-se e ficou olhando a lua cheia, enquanto Sir Bedivere corria até ele.

— Rei Arthur! Meu Deus! Estás bem, majestade? O que posso fazer para ajudar-te?

Arthur então falou:

— Bom Bedivere, pega Excalibur que está aí, jogada no chão. Chama teu irmão e levem a mim e a Excalibur para o lago da Senhora do Lago, que está aqui perto, a oeste.

Assim Lucan e Bedivere caminharam por quase um quilômetro, até que Sir Lucan não agüentou o esforço e morreu, pois estava muito ferido. Como Sir Bedivere não tinha forças para carregar Arthur sozinho, o rei disse a ele:

— Bom Bedivere, pega Excalibur e a leva até o lago. Chegando lá, joga-a na água. Retorna aqui e conta-me o que viste.

Bedivere obedeceu às ordens de Arthur e rumou para o lago, mas chegando lá, pensou que Excalibur era muito bonita para que fosse jogada na água, então ele a escondeu atrás duma pedra e voltou para o campo de batalha. Arthur, muito enfraquecido, perguntou:

— Bedivere, o que viste quando a espada caiu na água?

— Vi a água se mexendo e formando círculos enquanto a espada afundava, senhor.

— É mentira, cavaleiro. Cavaleiros não mentem! Retorna até o lago e cumpra a missão a qual te incumbi!

Bedivere voltou ao lago, mas no caminho pensou que se ficasse com Excalibur poderia se lembrar de seu rei e da Távola Redonda para sempre. Então decidiu não atirá-la na água. Quando voltou ao campo de batalha, Arthur perguntou:

— O que viste, Bedivere?

— Vi apenas o vento e os pássaros enquanto a espada afundava, meu rei.

— Bedivere! — Arthur gritou o nome do cavaleiro e tossiu, cuspindo sangue. — Pára de me enganar, vá até lá e jogue a espada no lago, ou te matarei quando voltares! Será possível que um cavaleiro vá trair seu rei por uma espada?! Tua incompetência compromete minha vida e minha morte.

Envergonhado com seu egoísmo, Bedivere foi até o lago, pegou Excalibur e a jogou na água. Antes que a espada caísse no lago, um braço feminino surgiu, sua mão a recolheu pelo cabo e mergulhou novamente para as profundezas. Excalibur voltava a seu lugar de origem e à proteção de sua bainha, muitos anos após Morgana tê-la atirado no lago.

Bedivere voltou ao campo de batalha e contou o que havia visto. Arthur agradeceu a ele e pediu para que o levasse até a praia do lago. Quando lá chegaram, o dia já amanhecia e Arthur pediu a Bedivere que o colocasse

numa barca encantada que estava atracada ali. Bedivere se espantou, pois tinha certeza de que aquela barca não estava ali antes. Arthur entrou na barca e ela foi se movendo lentamente, pela força de remadores mágicos. Da praia, Bedivere gritou:

— Arthur, Sua Alteza não pode me abandonar aqui sozinho!

— Bedivere, segue tua vida com teus próprios passos. Vou a Avalon, estou cansado. Voltarei quando a Inglaterra precisar de mim novamente.

Com a notícia da morte do Rei Arthur, a Rainha Guinever decidiu morar num convento e dedicou o resto de sua vida a orações. Sir Lancelote partiu com seu exército no mesmo momento em que recebeu a carta de Sir Gawaine, mas não chegou a tempo da batalha. Depois de muito refletir, resolveu conversar com a rainha no convento. Ela sentia-se responsável pela desgraça de Camelot e pela destruição da Távola Redonda. Lancelote sabia que aquilo não era o certo, mas como a rainha disse que não queria mais olhar para ele e nem para nenhum outro homem, o ex-primeiro Cavaleiro de Camelot conformou-se em passar seus últimos dias **JEJUANDO** e orando como um eremita. Meses após essa decisão, Lancelote foi encontrado morto. A princesa Elaine, quando soube disso, escreveu em seu testamento que queria ser enterrada ao lado dele.

Alguns dizem que Arthur morreu naquela barca e que ela afundou no Lago Sagrado. Outros dizem que o rei ainda vive na distante Avalon, ao lado de Merlim, Sir Galahad e de outros nobres que encontraram, em outro plano, a paz e a harmonia que em vão buscaram na Terra. Mas, para a maioria, o mito do Rei Arthur permanece vivo, na esperança de que ele possa voltar e devolver à Inglaterra sua **HEGEMONIA** perdida.

- **JEJUANDO:** privando-se de alimentação
- **HEGEMONIA:** domínio, supremacia

ROTEIRO DE LEITURA

1) Existem várias passagens mágicas no texto. Qual delas mexeu mais com sua imaginação? Por quê?
2) Se você pudesse ser um dos personagens do livro, qual você escolheria, e por qual motivo?
3) O que Rei Uther fez para conseguir o amor de Igraine? Você acha isso certo? Por quê?
4) O que aconteceu com Igraine quando seu bebê nasceu? Você acha isso certo? Por quê?
5) Como Arthur conheceu sua esposa? Você acha que ele a amava?
6) Segundo o livro, qual foi o pecado de Sir Lancelote?
7) Você acha que Sir Lancelote deveria ser punido por amar uma mulher casada? Por quê?
8) O que você faria em relação ao seu amor proibido, se você fosse Sir Lancelote?
9) O que você faria em relação ao seu amor proibido, se você fosse a Rainha Guinever?
10) Se você fosse o escritor do livro, você mudaria alguma coisa na história?
11) Qual foi o maior erro de Sir Balin?
12) Observe os diálogos do livro. Você nota alguma diferença entre o modo como os personagens falam e o seu modo? Quais são essas diferenças? Por que você acha que elas existem? Peça para seu professor ou sua professora lhe explicar mais sobre esse assunto.
13) Você acha certo o desejo de vingança de Sir Gawaine? Se você fosse ele, como puniria Sir Lancelote?
14) O que era o Santo Graal?
15) Por que os Cavaleiros da Távola Redonda partiram em busca do Santo Graal?
16) Quem era Morgana? Por que ela era tão má?
17) Quem era Mordred? O que ele fez?
18) Por que o Rei Arthur ficou furioso com Sir Bedivere?
19) O que você acha que aconteceu com o Rei Arthur depois que Sir Bedivere o colocou na barca?
20) O Brasil foi "descoberto" em 1500, numa época em que já não existiam cavaleiros como o Rei Arthur. Mas se Sir Gawaine, Sir Lancelote e todos os demais Cavaleiros da Távola Redonda vivessem hoje no Brasil, que tipo de injustiças, maldades e "dragões" eles combateriam?

O REI ARTHUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

Thomas Mallory

BIOGRAFIA DO AUTOR

Quase todos os dados sobre a vida do inglês Thomas Malory são incertos. No entanto, sabe-se que ele viveu na Inglaterra do século XV, ou seja, antes mesmo de o Brasil ter sido descoberto, e que foi o autor de *Le morte d'Arthur* (A morte de Arthur).

Segundo o prefácio deste livro, Malory teria acabado de escrevê-lo no nono ano do reinado de Eduardo IV (1469 ou 1470). Nesse período, Malory se encontraria na prisão, onde teria ingressado em 1451. É possível que no cárcere Malory tenha conhecido um nobre que lhe teria dado acesso aos vários livros de cavalaria que lhe serviram de base para a escrita de *O livro do Rei Arthur e seus nobres Cavaleiros da Távola Redonda*, título original do volume que foi lançado apenas em 1485, pelo editor inglês William Caxton.

Malory, que provavelmente morreu na prisão em 1471, não viveu o bastante para ver publicados os 21 livros (divididos em 507 capítulos) que formam sua vasta coleção de histórias de cavalaria. Além disso, ele nada pôde fazer contra Caxton, que trocou o título de sua obra, sem se importar com o imenso trabalho de compilação, tradução e adaptação elaborado por Malory a partir de antigas fontes francesas e inglesas.

Embora tenha sido um criminoso, Malory descendia de uma família de nobres da região de Warwickshire, Inglaterra, e seu verdadeiro nome provavelmente era Thomas Malory de Newbold Revell. Foi condecorado cavaleiro (Sir) em 1442 e serviu ao Parlamento Britânico em 1445. Muitos atribuem suas prisões a um comportamento violento, próprio de um indivíduo sem lei que teria cometido uma série de crimes como extorsão, roubo de cavalos, assassinato e estupros. Outros ligam o confinamento do autor a intrigas políticas de adversários e a crimes cometidos durante a Guerra das Duas Rosas, em que Malory participou no fim da vida.

Mesmo com um passado polêmico e incerto, Sir Thomas Malory afirmou sua importância dentro da literatura inglesa por escrever a primeira prosa épica do idioma, cujo estilo narrativo se destaca pela beleza rítmica e pela linguagem simples. Outro fator importante nos escritos de Malory é a tentativa de resgatar uma certa mitologia inglesa, recuperando lendas e sacramentando através do texto escrito (a imprensa tipográfica havia sido inventada em 1440) muito da história e do nacionalismo bretão, já que o Rei Arthur não deixa de ser um símbolo da força do povo celta e de sua liberdade contra os invasores. Por fim, o texto de Malory acabaria influenciando futuras versões das lendas arthurianas.

Esta adaptação do texto original procurou retratar os episódios mais conhecidos da saga de Rei Arthur.